

# Política científica: por onde recomençar?

**Debate** Ciência e investigação  
**Moisés de Lemos Martins**

**M**o termo da actual legislatura, é de balanço e prospectiva a hora que vivemos. Centrando o olhar nas Ciências Sociais e Humanas (CSH), procuro fazer aqui um balanço do que tem sido a política científica em Portugal. E aponto caminhos de futuro.

**1.** Começo pelo diagnóstico. Porque não virar a cara à ferida, nem iludi-la, é já caminho para diante.

Quando se levantou um vento ruim na Cidade, fomos avisados de que iria haver a concentração dos apoios financeiros onde eram “cientificamente rentáveis” (Passos Coelho em declaração à Lusa, a 09.II.2011). E logo começou o trabalho de sapa da destruição: a opacidade dos procedimentos; os painéis de avaliação suspeitos; a arbitrariedade das decisões; as reprovações administrativas; a caótica e alucinada gestão do quotidiano dos centros; o empastelamento burocrático; as métricas inadequadas às CSH; os concursos, com regras de geometria variável, muitos deles abertos em férias. E pelo caminho, a devastação, com o desperdício de capacidade, energia e experiência.

Segui-se a constituição de um Conselho Científico, diminuído “em autonomia, autoridade e experiência” (Ramada Curto). E as avaliações, sem especialistas na área específica e com agendas políticas escondidas, que condenaram, à uma, projectos, investigadores e especialidades.

Vimos coisas de espantar, como a invenção de categorias acima de excelente (“outstanding” e “exceptional”), sendo recusado financiamento aos projectos de investigação classificados como “excelentes”, assim como a muitos considerados “fora de série”.

Surgiu, depois, o ludíbrio dos concursos “investigador FCT” e “doutoramento FCT”. O ludíbrio, porque se tratou da armação de uma tramóia, argumentada com a retórica da competitividade e da internacionalização. E logo caíram, a pique, as bolsas de doutoramento e pós-doutoramento.

Segui-se o concurso das infra-estruturas tecnológicas de investigação (o concurso Roteiro), com avaliações à medida, feitas por um painel de obscuros investigadores e com pareceres das CCDR – pareceres de natureza política e administrativa.

Chegou, entretanto, a avaliação das unidades de investigação. Aí, de tão descredito, o sistema ruiu. E todos se ergueram em protesto, uns com absoluta razão, outros sem razão nenhuma.

Por fim, a FCT brindou-nos com elogios internacionais à sua política e com um “Código de Conduta” de que os investigadores estariam precisados.



PEDRO CUNHA

**“**  
**A FCT deve ouvir a comunidade científica, corrigindo uma ancestral lógica centralista de gestão da ciência**



interesses privados e tem estado por conta de uma única área científica.

A FCT também precisa de um Conselho Científico de CSH representativo, que mereça a aprovação das especialidades. Um Conselho sem intrusos, que hoje o desacreditam, pela desqualificação, pela encomenda partidária e pelo vício do nepotismo.

**3.** O dia de hoje parece marcado por uma espécie de síndrome de Pol Pot, que empurrou, com maus modos, os jovens cientistas para fora do sistema e as CSH para os campos da estagnação e do isolamento internacional.

Houve erros no passado, que importa não repetir.

A FCT deve ouvir a comunidade científica (os centros e as associações científicas), corrigindo uma ancestral lógica centralista de gestão da ciência. E deve constituir

painéis de avaliação que garantam a diversidade dos paradigmas e respeitem uma prática científica plural, corrigindo a queda para o paradigma da ciência objectivista e operativa, em exclusivo acordo com unidades de medida.

Não deve, porém, atrelar as CSH a estratégias mercantilistas, produtivistas e gestionárias, que as abastardem. E não deve substituir-se aos centros, definindo e escolhendo os seus parceiros estratégicos para a internacionalização. Vimos no passado esse tipo de intervenção, de cima para baixo, à revelia das dinâmicas estabelecidas no campo científico e com o desprezo das competências reconhecidas por avaliações que a própria FCT promoveu. Por exemplo, no domínio da comunicação digital e da comunicação multimédia, vimos a FCT escolher, em benefício indevido de uns e prejuízo imerecido de outros, os parceiros portugueses para a cooperação com a Universidade de Austin.

Também não pode a FCT discriminar financeiramente os centros de excelência, em favor dos Laboratórios Associados, cujo envelope financeiro chegou a representar dois terços do orçamento global do Estado para a ciência.

**4.** Recomeçar significa, todavia, retrair a história, reformular funções e experimentar novas articulações.

Hoje, a Europa apresenta-se unificada, mas em crise. Por essa razão, é importante conhecermos o que nos identifica e distingue. Com o processo de globalização socioeconómica a assinalar o tempo, é necessário estudar as identidades nacionais, regionais e locais, assim como as identidades transnacionais – sobretudo as identidades europeia e lusófona.

Precisamos de respeitar a língua portuguesa como língua de cultura e pensamento, e em consequência, reconhecê-la como língua de conhecimento. Fazendo-o, precisamos de atribuir valor estratégico à construção da comunidade de investigação lusófona.

Por outro lado, da mesma forma que o crescimento económico e tecnológico não pode dispensar a dimensão cultural, também a ideia de desenvolvimento não pode dispensar as CSH. Na era da globalização da economia, pela potência da tecnologia, as CSH revêem-se na ideia do desenvolvimento harmonioso, da solidariedade humana e da coesão social. Porque se entendem como parte inteira no convívio das ciências e como parte inteira no desenvolvimento colectivo.

Uma esperança nova na ciência não pode deixar de compreender estas aspirações e delhes dar resposta.

**Professor na Universidade do Minho**

**Por impossibilidade do autor, a crónica de José Pacheco Pereira não se publica hoje**

# Mosca no leite

**Debate** Quotas leiteiras  
**Miguel Freitas**

**C**onfrangedor, o debate político sobre o leite. Sacudir responsabilidades pelo fim das quotas leiteiras é iludir a questão. Não havia margem política para mais nenhum adiamento. Já a preparação para o choque que aí vinha tinha muito a ver connosco. E o Governo ficou a olhar para o lado.

A sustentabilidade dos rendimentos dos produtores de leite está mais dependente das políticas do que do mercado. As margens são curtas, e mínimas oscilações de preços abanam as estruturas de custos. Mais, se é verdade que todos os produtores leiteiros europeus recebem ajudas, os produtores portugueses são, de longe, dos que menos recebem. Veja-se o que vem de Espanha, um apoio de 300(?) por vaca. Em Portugal, temos 82(?). Diferenças que distorcem a concorrência.

Eram necessárias medidas vigorosas. Com novas regras da Política Agrícola Comum (PAC), com mais exigências ambientais, e, também, com a convergência interna, o setor tem menos ajudas. Sem quotas, a volatilidade dos preços aumenta. Além do embargo russo.



Assunção Cristas neste processo como mosca em leite derramado, a ver como sair dali. Falhou na negociação da PAC porque nunca teve a iniciativa para isolar a questão do leite e tentar obter verbas específicas, como se conseguiu em 2009. Nas decisões internas desvalorizou as dificuldades do setor. E não conseguiu uma “mediação musculada” entre a distribuição e a produção.

Tardiamente, avança agora com um Plano de Ação para o Leite (depois de o ter rejeitado em Abril, por proposta do PS, na Assembleia da República), com quase nada de novo. Está sem margem para novas medidas no PDR 2020, nomeadamente nas agroambientais (já foi ultrapassado o limite financeiro, só na primeira candidatura), e dependente de ajudas de emergência. Isto é, nada, nada, mas não se move.

De Bruxelas, neste início de setembro, sob uma forte manifestação de produtores, chegam paliativos. Considerando 500 milhões de euros para o leite, a ajuda corresponderia a 0,31cênt./litro. Em Portugal, este ano, a quebra do preço já atinge os 8 cênt./litro. Ora a verba será distribuída por vários setores e, mesmo se for maioritariamente para o leite, é absolutamente irrisória.

**Deputado do Partido Socialista**